

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Cav JOSÉ TORRES VIEIRA DE AZEVEDO JUNIOR

**A ATUALIZAÇÃO DO MANUAL DO REGIMENTO DE CAVALARIA
MECANIZADO: UMA ANÁLISE ACERCA DAS OPERAÇÕES
OFENSIVAS**

Rio de Janeiro

2022

Cap Cav JOSÉ TORRES VIEIRA DE AZEVEDO JUNIOR

**A ATUALIZAÇÃO DO MANUAL DO REGIMENTO DE CAVALARIA
MECANIZADO: UMA ANÁLISE ACERCA DAS OPERAÇÕES
OFENSIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de
Aperfeiçoamento de Oficiais como
requisito parcial para a obtenção do
grau especialização em Ciências
Militares.

Orientador: Cap Cav Pinheiro

Rio de Janeiro

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Francisco José de Paula Junior
CRB7/6686

A994

Azevedo Junior, José Torres Vieira de.

A transição do C 2-20 para o EB70-10.254: uma análise acerca das operações ofensivas / José Torres Vieira de Azevedo Junior – 2022.

37 f. il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2022.

Orientação: Cap. Hamilton Cesar Pinto Pinheiro Barbosa

1. Atualização de manuais. 2. Regimento de Cavalaria Mecanizada. 3. Planejamento baseado em capacidades. I Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. II Título.

CDD: 355



MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)

DIVISÃO DE ENSINO E PESQUISA/ CURSO DE CAVALARIA

Ao Capitão de Cavalaria JOSÉ TORRES VIEIRA DE AZEVEDO JÚNIOR

O Presidente da Comissão de Avaliação do TCC, cujo título é A TRANSIÇÃO DO C 2-20 PARA O EB70-MC-10.254: UMA ANÁLISE ACERCA DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS, informa à Vossa Senhoria o seguinte resultado da deliberação: **APROVADO** com o conceito **BOM**.

Rio de Janeiro, 21, de Setembro, de 2022

João Paulo da Silva Nunes

JOÃO PAULO DA SILVA NUNES - TC
Presidente

Hamilton Cesar Pinto Pinheiro Barbosa

HAMILTON CESAR PINTO PINHEIRO BARBOSA - Cap
1º Membro

Cesar Augusto Block Filho

CESAR AUGUSTO BLOCK FILHO - Cap
2º Membro

CIENTE:

José Torres Vieira de Azevedo Júnior
JOSÉ TORRES VIEIRA DE AZEVEDO JÚNIOR - Cap
Postulante

AGRADECIMENTOS

Ao Capitão de Cavalaria Pinheiro, instrutor e orientador dessa monografia, pelas orientações e correções durante as fases de pesquisa, com o intuito de sempre buscar a excelência do trabalho.

A minha família que forjou meu caráter, sempre dando o apoio quando necessário.

A minha esposa, pessoa incentivadora e que está sempre ao meu lado, nos momentos felizes e não tão felizes dessa jornada.

Aos meus filhos que tanto nos momentos felizes quanto nos momentos não tão felizes me proporcionaram o simples sorriso ao chegar em casa.

E a todos que incentivadores que proporcionaram a conclusão desse projeto.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar em que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influencia o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate. Para isso, serão verificados nos manuais supracitados a conceituação em ambos. Terminando a revisão doutrinária, serão elencadas as divergências encontradas entre os dois manuais. E por fim, concluindo que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influencia o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate.

Palavras-chave: Atualização de manuais, Regimento de Cavalaria Mecanizada, Planejamento Baseado em Capacidades.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar en qué medida la actualización del manual C2-20 al EB70-MC-10.354 influye en el factor generador de capacidad Educación, en la función de combate Movimiento y Maniobra de Operaciones Ofensivas del Tipo Marcha al Combate. Para ello, se verificará la conceptualización en ambos en los manuales antes mencionados. Finalizando la revisión doctrinal, se enumerarán las diferencias encontradas entre ambos manuales. Y finalmente, concluyendo que la actualización del manual C2-20 al EB70-MC-10.354 influye en el factor generador de capacidad Educación, en la función de combate Movimiento y Maniobra de Operaciones Ofensivas del Tipo Marcha a Combate.

Palabras clave: Actualización de Manuales, Regimiento de Caballería Mecanizada, Planificación por Capacidades.

LISTA DE ABREVIATURAS

Bda	Brigada
DOAMEPI	Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura
DOAMEPII	Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal, Infraestrutura e Interoperabilidade
E Prog	Eixo de Progressão
EB	Exército Brasileiro
EMCFA	Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas
EME	Estado-Maior de Exército
F Seg	Força de Segurança
FA	Forças Armadas
Itn	Itinerário
Km	Quilômetros
LOG	Logística
LPE	Linha de Provável Encontro
M Cmb	Marcha para o Combate
MC	Manual de Campanha
Mec	Mecanizado
Mrt P	Morteiro Pesado
PBC	Planejamento Baseado em Capacidades
POC	Plano de Obtenção de Capacidade
RC Mec	Regimento de Cavalaria Mecanizado
SU	Subunidade
U	Unidade

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Organização do RC Mec na marcha para o combate.....	18
FIGURA 2 - Organização do RC Mec, como vanguarda da brigada na M Cmb.....	25

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	PROBLEMA.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	13
1.2.1	Objetivo Geral.....	13
1.2.2	Objetivos Específicos.....	13
1.2.3	QUESTÕES DE ESTUDO.....	13
1.3	JUSTIFICATIVAS.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	MANUAL C2-20 – REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO	15
2.1.1	CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DA MARCHA PARA O COMBATE.....	15
2.1.2	CLASSIFICAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.....	15
2.1.3	DISPOSITIVO E FORMAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.	16
2.1.4	ARTICULAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.....	17
2.1.5	PARTICULARIDADES DO ESTUDO DE SITUAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE	18
2.1.5.1	MISSÃO.....	18
2.1.5.2	INIMIGO.....	19
2.1.5.3	DETERMINAÇÃO DA LINHA DE PROVÁVEL ENCONTRO.....	19
2.1.6	DECISÃO.....	19
2.1.7	CONDUTA DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE.....	19
2.1.7.1	GENERALIDADES.....	20
2.1.7.2	CONDUTA DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO	20
2.1.7.3	FORÇAS DE SEGURANÇA.....	20
2.1.7.3.1	VANGUARDA.....	20
2.1.7.3.2	FLANCOGUARDA.....	21
2.1.7.3.3	RETAGUARDA.....	22
2.2	MANUAL EB70-MC-10.354 – REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO.....	22

2.2.1	CONCEITO E CARACTERISTICAS DA MARCHA PARA O COMBATE.....	22
2.2.2	CLASSIFICAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.....	22
2.2.3	DISPOSITIVO E FORMAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.	23
2.2.4	ARTICULAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.....	24
2.2.5	PARTICULARIDADES DO ESTUDO DE SITUAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE	25
2.2.5.1	MISSÃO.....	25
2.2.5.2	INIMIGO.....	25
2.2.6	CONDUTA DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE.....	26
2.3	PLANEJAMENTO BASEADO EM CAPACIDADES.....	26
3	MEDOTOLOGIA.....	30
3.1	OBJETIVO FORMAL DE ESTUDO.....	30
3.2	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	30
3.3	Procedimentos para Revisão da Literatura.....	30
3.4	Procedimentos Metodológicos.....	30
3.5	Instrumentos.....	30
3.6	Análise de Dados.....	31
4	RESULTADOS.....	32
4.1	CONCEITO E CARACTERISTICAS DA MARCHA PARA O COMBATE.....	32
4.2	CLASSIFICAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.....	32
4.3	DISPOSITIVO E FORMAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.	32
4.4	ARTICULAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE.....	33
4.5	PARTICULARIDADES DO ESTUDO DE SITUAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE	33
4.6	DECISÃO.....	33
4.7	CONDUTA DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE.....	34
4.7.1	FORÇA DE SEGURANÇA.....	34
4.7.1.1	VANGUARDA.....	34
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	35

6	CONCLUSÃO.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

O Exército Brasileiro utiliza como documentos base para as suas atividades operacionais os seus manuais de campanha.

O manual do Regimento de Cavalaria Mecanizado, C2-20 estava em sua 2ª edição desde o ano de 2002. Este manual baliza todos os conhecimentos atinentes aos militares do Exército Brasileiro que precisem de algum conhecimento sobre o Regimento como dos militares que servem no mesmo e necessitam de um embasamento teórico a respeito das operações básica e complementares como também de Comando e Controle, Apoio ao Combate, Ações Comuns às Operações Básicas e Operações Complementares, Operações em Condições Especiais de Ambiente, Operações com Características Especiais e Logística, tudo isso tendo como base o Regimento de Cavalaria Mecanizado e assim utilizar nos corpos de tropa e adestrar os seus integrantes.

Para entendermos o tão complexo que é o estudo sobre a mudança dos manuais, precisamos ter conhecimento sobre Operações Ofensivas e Defensivas. A Operação Defensiva é temporária, deve ser adotada para ganhar tempo, economizar forças em uma área, reduzir a capacidade de combate do inimigo, impedir o acesso do inimigo a uma determinada região, detendo o inimigo a sua frente, destruir forças inimigas e proteger ou cobrir a manobra de outra força amiga. Nenhuma das finalidades da Operação Defensiva conduz a resultados decisivos, elas são usadas para tomar ou retomar a iniciativa que será usada para Operações Ofensivas, pois somente a ofensiva conduz a resultados decisivos na Batalha. A ofensiva é usada para destruir as forças inimigas, conquistar acidentes capitais do terreno, obter informações sobre o inimigo, privar o inimigo de recursos que lhe sejam necessários e desviar a atenção do inimigo de outras áreas.

Entendemos então a grande importância das Operações Ofensivas, pois elas que conduzem a resultados decisivos e conseqüentemente a vitória. As Operações Ofensivas são divididas em marcha para o combate, reconhecimento em força, ataque, aproveitamento do êxito e perseguição.

Com o passar dos anos, nos Regimentos de Cavalaria Mecanizado, percebeu-se algumas adequações necessárias, a serem feitas no manual C 2-20, Regimento de Cavalaria mecanizado.

Em 2020, o Comando de Operações Terrestre realizou alterações no manual C 2-20, Regimento de Cavalaria Mecanizado.

Com essas mudanças, precisou-se renomear o novo manual e assim o C 2-20 passou a ter a nomenclatura de EB70-MC-10.354.

O presente trabalho analisou a mudanças encontradas no manual EB70-MC-10.354 com relação ao manual C2-20, nos aspectos tanto do estudo da nova doutrina como na nova aplicabilidade dos novos conceitos para que os Regimentos de Cavalaria Mecanizados possam se adequar quanto as instruções a serem ministradas para os integrantes dos referidos Regimentos e a nova aquisição de material para que se adequem as mudanças ocorridas, principalmente na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate.

1.1 PROBLEMA

Inúmeros manuais estavam ficando muito defasados e o Comando de Operações terrestres resolveu realizar uma conferência em todos os manuais e verificar qual destes precisava de uma atualização.

Este estudo teve como estopim os próprios Regimentos de Cavalaria Mecanizados, suas instruções e os conhecimentos adquiridos nas instruções utilizados na prática, utilizando o manual C2-20, observou-se que tanto a parte da doutrina quanto a de material poderia ser readequada.

Após estes estudos aconteceu que o manual C 2-20 – Regimento de Cavalaria Mecanizado foi atualizado e isso aconteceu após 18 anos.

No Comando de Operações Terrestre após ter tido o conhecimento de tal fato, resolveu iniciar novos estudos doutrinários a respeito do que poderia ser mudado e do que não precisaria ser mudado do manual C2-20.

Com isso, após ter terminado os referidos estudos, foi publicado o manual EB70-MC-10.354 – Regimento de Cavalaria Mecanizado.

Dessa forma, foi oportuno questionar: Em que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influência o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo analisou em que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influencia o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para viabilizar a consecução do objetivo geral, foram estabelecidos objetivos específicos, de forma que encadeou o raciocínio de forma lógica:

- a) Caracterizar Marcha para o Combate no manual C 2-20.
- b) Caracterizar Marcha para o Combate no manual EB70-MC-10.354.
- c) Evidenciar as mudanças encontradas no C 2-20 para o EB70-MC-10.354.

d) Concluir a respeito das mudanças encontradas, após a análise em que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influencia o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate?

1.2.3 QUESTÕES DE ESTUDO

A fim de orientar a pesquisa para solucionar o problema identificado, foram formuladas as questões de estudos apresentadas abaixo:

- a) O que caracteriza uma Marcha para o Combate no contexto do C2-20?
- b) O que caracteriza uma Marcha para o Combate no contexto do EB70-MC-10.354?
- c) Quais as divergências encontradas no C2-20 e no EB70-MC-10.354 na Operação Ofensiva Marcha para o Combate?
- d) Concluiu-se a respeito das mudanças evidenciadas, após ter analisado em que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influencia o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate.

1.2 JUSTIFICATIVAS

Após as informações levantadas a respeito do manual C2-20 pelos Regimento de Cavalaria Mecanizados, o Comando de Operações Terrestre estabeleceu que o haviam mudança a serem feitas no referido manual.

Tal mudança de manual ocorreu devido a relevância do assunto, pois o aspecto doutrinário que é exposto em todos os manuais e de suma importância para os militares, pois os conhecimentos contidos nos mesmos são utilizados de forma tanto na parte cognitiva, durante as instruções ministradas durante o ano de instrução, quanto na parte psicomotora, durante a execução dos exercícios no terreno ao final do ano para que sejam aplicados os conhecimentos adquiridos durante o ano nas instruções teóricas.

Nos últimos anos inúmeros manuais estavam sendo reescritos, pois precisavam de uma nova atualização, haja visto informações que foram encaminhadas ao Comando de Operações Terrestre. Isso aconteceu com o manual C2-20, que estava a 18 anos sem ser revisado.

Da mesma forma, este trabalho evidenciou em que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influencia o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O autor De Sordi (2013, p.114) fala que, nesta fase do trabalho, é de suma importância que sejam destacadas toda diversidade de normativos e da doutrina que se debruça sobre o tema que foi escolhido. Para que isso ocorra, os capítulos a seguir apresentarão os conceitos teóricos que trata do assunto.

2.1 MANUAL C2-20 – REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

Este manual foi posto em vigor no ano de 2002, para que pudessem caracterizar, conceituar e orientar os militares a respeito do Regimento de Cavalaria Mecanizado.

2.1.1 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DA MARCHA PARA O COMBATE

O manual C2-20 conceitua Marcha para o Combate como sendo uma marcha tática que vai na direção do inimigo com a finalidade de obter ou restabelecer o contato e/ou assegurar vantagens que facilite futuras operações.

Afirma ainda que as principais características são a incerteza do desenrolar da operação, a evolução de ações descentralizadas para centralizadas, mudança rápida da extensão e profundidade do dispositivo.

Deve ser executada de forma agressiva, para que o objetivo seja conquistado antes que o inimigo consiga reagir.

Normalmente é realizada em colunas múltiplas e os elementos subordinados, utilizam formações variadas de acordo com a situação tática exigir.

2.1.2 CLASSIFICAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

A Marcha para o Combate é classificada quanto à segurança, quanto ao dispositivo e quanto à possibilidade do contato. Será abordado um pouco mais sobre as classificações.

Quanto à segurança, a Marcha para o Combate se classifica em Coberta e Descoberta. Coberta ocorre quando entre o inimigo e a tropa que realiza a marcha existe uma força que proporciona segurança. Preferencialmente ela é realizada na parte noturna. Descoberta ocorre quando não há nenhuma tropa que esteja entre o inimigo e a tropa que está executando a marcha para o combate ou quando a própria

tropa conseguiu proporcionar a sua própria segurança. Geralmente é feita durante o dia.

Quanto ao dispositivo, a Marcha para o combate se divide em Coluna e em Linha. Em coluna, facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento. Pode admitir o dispositivo em escalão, como variante, o qual favorece o desenvolvimento para o flanco. Em Linha, dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, contudo aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força que está realizando a marcha, um maior poder de fogo à frente.

Quanto à possibilidade do contato, a Marcha é subdividida em Contato Remoto, Contato Pouco Provável e Contato Iminente. No primeiro, o inimigo terrestre não pode atuar sobre o Regimento. Na segunda, é uma fase de transição do contato remoto para o contato iminente. Começa quando termina a fase em que a possibilidade de contato é remoto e termina quando está prestes a iniciar o contato iminente. Na última, acontece quando a qualquer momento a tropa pode sofrer ações do inimigo terrestre. O contato iminente geralmente acontece a partir da Linha de Provável Encontro.

2.1.3 DISPOSITIVO E FORMAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

Qualquer dispositivo que proporcione o máximo de velocidade, controle e segurança, pode ser empregado durante.

O movimento é realizado em coluna de marcha quando o contato é remoto. O dispositivo em que a Unidade não necessita ficar agrupada taticamente e pode se deslocar por vários meios e por diferentes itinerários. Neste dispositivo, a integridade tática pode ser sacrificada em benefício da velocidade, das exigências logísticas e do conforto da tropa.

Quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática. O Comandante da Unidade mantém as vantagens do movimento em coluna, porém agrupa sua tropa taticamente, sem que ela precise se desdobrar. Isto é feito em ordem de movimento e a ocupação de uma Zona de Reunião, ao mesmo tempo que facilita a rápida adoção de um dispositivo para o combate, quando o contato se torna iminente.

O movimento é feito em marcha de aproximação, prevalecendo as medidas táticas quando o contato com o inimigo é iminente. Nesta situação, os elementos são agrupados taticamente e desdobrados. Também pode ser adotado qualquer dispositivo desdobrado, incluindo o desdobramento em profundidade. Os elementos

em primeiro escalão proporcionam proteção assegurando um contato pouco provável para os demais elementos da tropa, que podem continuar o deslocamento em coluna tática.

2.1.4 ARTICULAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

Geralmente uma tropa que executa uma Marcha para o Combate se articula em um grupamento principal, ou chamado também de grosso, e forças de segurança.

O grupamento principal engloba a maior parte do poder de combate da força, a qual deve ser preservada para o emprego imediato pelo comandante, além de incluir os órgãos de apoio logístico. As peças de manobra do grosso são organizadas de forma que permitam o máximo de flexibilidade de emprego, tanto durante o deslocamento quanto após o contato com o inimigo seja estabelecido.

A Força de Segurança no nível Unidade, é constituída pelas forças de proteção, que são divididas em vanguarda, retaguarda e flancoguarda, e Força de Vigilância.

A articulação tem por finalidade proporcionar o avanço rápido e ininterrupto, a segurança adequada em todas as direções e melhores condições para esclarecer a situação o mais cedo possível e a manutenção da maioria do poder de combate em condições de pronto emprego.

Quando está ocorrendo a marcha para o combate, os elementos desdobrados em primeiro escalão efetuam a devida proteção do grosso e este se desloca de região de destino em região de destino. Estas preferencialmente são localizadas em áreas capazes de proporcionar um mínimo de segurança contra as ações do inimigo e as melhores condições para o pronto emprego dos elementos de combate e de apoio.

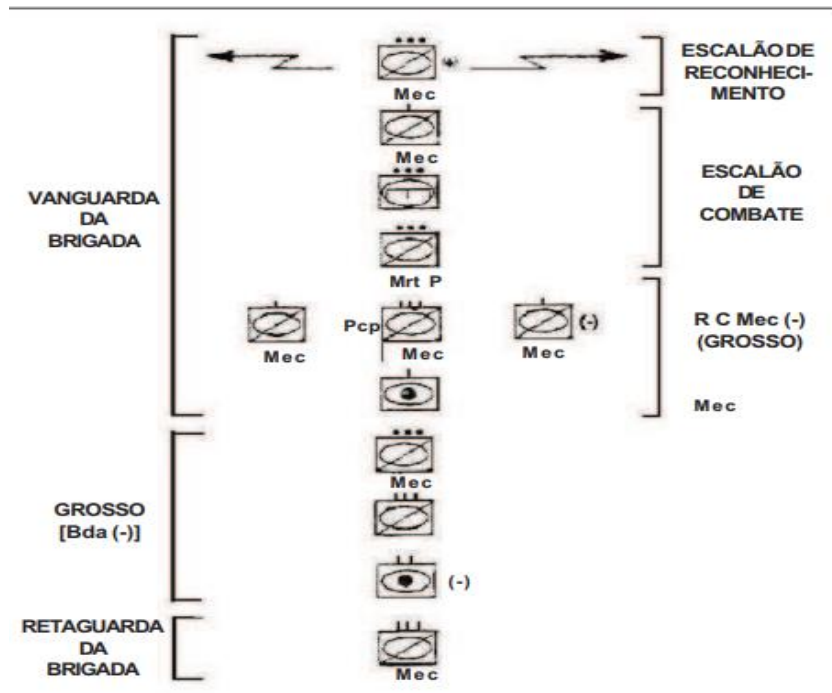


Figura 1 - Organização do RC Mec na marcha para o combate

2.1.5 PARTICULARIDADES DO ESTUDO DE SITUAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

O comandante da Unidade deve levar em consideração a Missão, o Inimigo e a Determinação da LPE.

2.1.5.1 MISSÃO

Mesmo que a Marcha para o Combate seja um tipo de operação eminentemente ofensiva, a mesma poderá ser utilizada, para cumprir uma fase de uma atitude ofensiva ou defensiva. A tropa que realiza a Marcha para o Combate, normalmente, em final de missão, conquista determinada região do terreno, visando facilitar o desenvolvimento das futuras operações. Os planejamentos e a regulação deste tipo de operação são feitos até os objetivos finais.

Mesmo nas missões cuja natureza seja defensiva, não estará excluída a possibilidade de serem necessárias ações ofensivas para atingir a região a defender.

2.1.5.2 INIMIGO

A possibilidade de interferência do inimigo é sempre considerada. A graduação dessa interferência variará de acordo com sua natureza e valor, no tempo e no espaço, condicionando de forma diferente a realização da operação.

2.1.5.3 DETERMINAÇÃO DA LINHA DE PROVÁVEL ENCONTRO

A Linha de Provável Encontro é determinada após o confronto do estudo da missão e do inimigo.

É a linha do terreno onde há a possibilidade do encontro dos primeiros elementos da nossa U com a vanguarda do inimigo.

A velocidade que será desenvolvida pelo Regimento que estará realizando uma Marcha para o Combate será em função das características das estradas, da natureza do elemento amigo que opera à nossa frente e dos meios disponíveis.

2.1.6 DECISÃO

O Comandante da Unidade decide sobre o dispositivo, os objetivos de marcha, os ltn de marcha e E Prog, as direções de atuação, a hora de início do movimento e a previsão de ações futuras.

As decisões que foram tomadas poderão ser complementadas, no todo ou em parte, de acordo com a formação de marcha a ser empregada, englobando os intervalos e as distâncias entre as subunidades, a organização para o combate das subunidades, a organização da coluna de marcha, as missões aos elementos subordinados, as medidas de coordenação e controle, as medidas de segurança contra ataques terrestres e aéreos, o apoio administrativo e o emprego das comunicações.

2.1.7 CONDUTA DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE

2.1.7.1 GENERALIDADES

É caracterizada por ser uma ação rápida e agressiva. As forças de segurança têm por objetivo, esclarecer prontamente as situações surgidas em suas zonas de responsabilidade. Dentro de suas possibilidades, as forças de segurança destroem as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e detêm as que não puderem destruir.

O Comandante pode empregar os elementos do grosso para manter a impulsão. Todos os esforços são feitos para manter o inimigo desarticulado e impedir que pequenos elementos possam estabelecer uma defesa ou retardamento eficiente.

2.1.7.2 CONDUTA DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

O Regimento de Cavalaria Mecanizado pode participar de uma Marcha para o Combate realizada pelo Escalão Superior ou pode conduzir a sua própria Marcha para o Combate.

Quando o Regimento de Cavalaria Mecanizado conduz a sua própria Marcha para o Combate ou quando participa de uma operação do escalão superior contudo por um eixo diferente, a Unidade emprega uma SU como vanguarda, uma flancoguarda de valor pelotão e uma retaguarda valor pelotão.

Quando participa no âmbito de uma Divisão de Exército, o Regimento, normalmente é empregado como uma Força de Segurança. Nesse caso, desde que devidamente reforçado, executar missões de Força de Cobertura para um Escalão Superior.

2.1.7.3 FORÇAS DE SEGURANÇA

2.1.7.3.1 VANGUARDA

A Vanguarda de um regimento em uma Marcha para o Combate é constituída por uma SU e sua missão é a de assegurar a progressão rápida e ininterrupta do grosso da tropa, resguardando-o da observação terrestre, dos fogos diretos e de ataques de surpresa do inimigo em sua frente. Normalmente o dispositivo inclui, da

frente para a retaguarda o escalão de reconhecimento, o escalão de combate e a reserva.

As distancias entre os escalões variam de acordo com o terreno e as possibilidades de combate. Entre a vanguarda e o grosso da tropa tem que haver um espaço suficiente para preservar a liberdade de ação do comandante, porém não tão grande que possa expor a Vanguarda a ser destruída antes que consiga ser apoiada.

Ataca as resistências inimigas que forem encontradas, com a finalidade de abrir caminho para o grosso da tropa.

Quando for estabelecido o contato com o inimigo, a vanguarda estabelecer a situação utilizando o fogo e a manobra.

Quando estiver em presença de forças inimigas superiores, somente ocupa o terreno que favoreça o emprego do grosso.

Quando estiverem reforçados por elementos de engenharia, os mesmos devem integrar a vanguarda da Unidade, com prioridade de emprego para a mobilidade da Vanguarda e do grosso da tropa.

2.1.7.3.2 FLANCOGUARDA

Opera no flanco da força que a destacou, de modo a protegê-la contra a observação terrestre, os fogos diretos e os ataques de surpresa do inimigo

A segurança dos flancos do grosso do regimento é normalmente estabelecida por um Pelotão das SU do grosso, sob o controle de uma determinada SU.

Pode ser fixa ou móvel, de acordo com a sua missão em posição ou em movimento. A fixa deve estar preparada para atuar como flancoguarda móvel, caso seja necessário. A móvel pode se deslocar por lanços ou em um movimento contínuo, conforme a situação. A escolha do processo de deslocamento é condicionada pela velocidade da tropa protegida, pelo terreno e pelas possibilidades do inimigo.

Os Pelotões da flancoguarda atuam a uma distância que permita ao grosso da Unidade o tempo e o espaço necessário para manobrar e fazer face à ameaça em seu flanco. Quando estiver em terreno aberto, esta distância pode estender-se a 5 Km ou mais do grosso, conforme a distância de apoio do Pelotão de Morteiro Pesado ou da Artilharia

Os Fogos indiretos devem ser planejados sobre as principais Via de acesso que incidam nos flancos do Eixo de Progressão ou Zona de Ação da Unidade.

2.1.7.3.3 RETAGUARDA

Opera à retaguarda do grosso, de modo que possa protegê-lo contra a observação terrestre, os fogos diretos e os ataques surpresa do inimigo orientados sobre a sua retaguarda.

A última SU da Unidade destaca um pelotão para compor a sua retaguarda. Este pelotão deve permitir que o Regimento possua o tempo e o espaço necessário para reagir às ameaças que incidam em sua Região.

2.2 MANUAL EB70-MC-10.354 – REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

Este manual foi posto em vigor no ano de 2020, para que pudessem caracterizar, conceituar e orientar os militares a respeito do Regimento de Cavalaria Mecanizado ocorridas desde a aprovação do manual C2-20 de 2002.

2.2.1 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DA MARCHA PARA O COMBATE

É um movimento tático na direção do inimigo, que tem por finalidade obter ou restabelecer o contato e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras.

As principais características da Marcha para o Combate são a incerteza do desenrolar da operação, a evolução de ações descentralizadas para centralizadas, a mudança rápida da extensão e a profundidade do dispositivo.

Executada de forma agressiva para que consiga conquistar o objetivo antes que o inimigo consiga reagir.

Normalmente é executada em eixos múltiplos, empregando a formação de combate que a situação tática exija.

2.2.2 CLASSIFICAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

A Marcha para o Combate é dividida quanto à segurança, quanto ao dispositivo e quanto à disponibilidade do contato.

Quanto à segurança, a Marcha para o Combate se classifica em Coberta e Descoberta. Coberta ocorre quando entre o inimigo e a tropa que realiza a marcha existe uma força que proporciona segurança. Preferencialmente ela é realizada na parte noturna. Descoberta ocorre quando não há nenhuma tropa que esteja entre o

inimigo e a tropa que está executando a marcha para o combate ou quando a própria tropa não consegue proporcionar a sua própria segurança. Geralmente é feita durante o dia.

Quanto ao dispositivo, a Marcha para o combate se divide em Coluna e em Linha. Em coluna, facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento. Pode admitir o dispositivo em escalão, como variante, o qual favorece o desenvolvimento para o flanco. Em Linha, dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, contudo aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força que está realizando a marcha, um maior poder de fogo à frente.

Quanto à possibilidade do contato, a Marcha é subdividida em Contato Remoto, Contato Pouco Provável e Contato Iminente. No primeiro, o inimigo terrestre não pode atuar sobre o Regimento. Na segunda, é uma fase de transição do contato remoto para o contato iminente. Começa quando termina a fase em que o contato é remoto e termina quando está prestes a iniciar o contato iminente. Na última, acontece quando a qualquer momento a tropa pode sofrer ações do inimigo terrestre. O contato iminente geralmente acontece a partir da Linha de Provável Encontro.

2.2.3 DISPOSITIVO E FORMAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

Qualquer dispositivo que proporcione o máximo de velocidade, controle e segurança, pode ser empregado durante.

O movimento é realizado em coluna de marcha quando o contato é remoto. O dispositivo em que a Subunidade não necessita ficar agrupada taticamente e pode se deslocar por vários meios e por diferentes itinerários. A integridade tática pode ser sacrificada em benefício da velocidade, das exigências logísticas e do conforto da tropa.

Quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática. O Comandante da Unidade mantém as vantagens do movimento em coluna, porém agrupa sua tropa taticamente, sem que ela precise se desdobrar. Isto é feito em ordem de movimento e a ocupação de uma Zona de Reunião, ao mesmo tempo que facilita a rápida adoção de um dispositivo para o combate, quando o contato se torna iminente.

O movimento é feito em marcha de aproximação, prevalecendo as medidas táticas quando o contato com o inimigo é iminente. Nesta situação, os elementos são agrupados taticamente e desdobrados. Também pode ser adotado qualquer

dispositivo desdobrado, incluindo o desdobramento em profundidade. Os elementos em primeiro escalão proporcionam proteção assegurando um contato pouco provável para os demais elementos da tropa, que podem continuar o deslocamento em coluna tática.

2.2.4 ARTICULAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

Geralmente uma tropa que executa uma Marcha para o Combate se articula em um grupamento principal, ou chamado também de grosso, e forças de segurança.

O grupamento principal engloba a maior parte do poder de combate da força, a qual deve ser preservada para o emprego imediato pelo comandante, além de incluir os órgãos de apoio logístico. As peças de manobra do grosso são organizadas de forma que permitam o máximo de flexibilidade de emprego, tanto durante o deslocamento quanto após o contato com o inimigo seja estabelecido.

A articulação tem por finalidade proporcionar o avanço rápido e ininterrupto, a segurança adequada em todas as direções e melhores condições para esclarecer a situação o mais cedo possível e a manutenção da maioria do poder de combate em condições de pronto emprego.

A Força de Segurança no nível Unidade, é constituída pelas forças de proteção, que são divididas em vanguarda, retaguarda e flancoguarda, e Força de Vigilância.

A Vanguarda de um regimento em uma Marcha para o Combate é constituída por uma SU e sua missão é a de assegurar a progressão rápida e ininterrupta do grosso da tropa, resguardando-o da observação terrestre, dos fogos diretos e de ataques de surpresa do inimigo em sua frente. Normalmente o dispositivo inclui, da frente para a retaguarda o escalão de reconhecimento, o escalão de combate e a reserva.

A flancoguarda de um regimento normalmente fica a cargo de um Pelotão das SU do grosso, sob o controle da SU enquadrante. Tem por missão proteger o regimento contra a observação terrestre, os fogos diretos e os ataques de surpresa do inimigo vindos das vias de acesso e regiões que flanquear o Eixo de Progressão. Os fogos indiretos devem ser previamente planejados sobre as principais Vias de acesso que incidam sobre o eixo.

A retaguarda de uma Unidade que está executando uma Marcha para o Combate é composta por um Pelotão da última SU da coluna, que deve assegurar ao

regimento o tempo e o espaço necessários para reagir às ameaças que incidam em sua retaguarda.

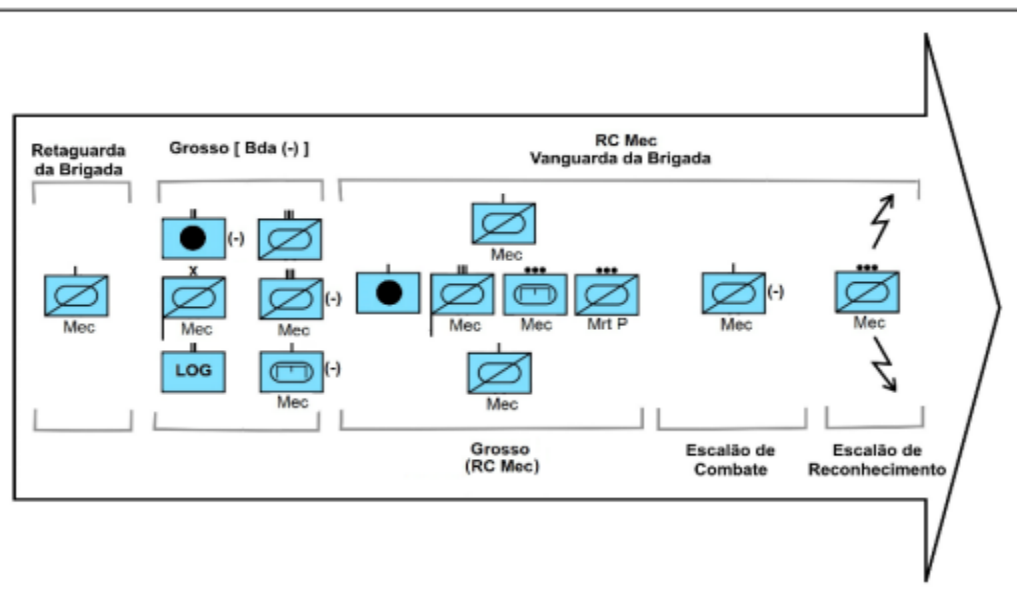


Figura 2 - Organização do RC Mec, como vanguarda da brigada na M Cmb

2.2.5 PARTICULARIDADES DO ESTUDO DE SITUAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

O comandante da Unidade deve levar em consideração a Missão e o Inimigo.

2.2.5.1 MISSÃO

Embora a Marcha para o Combate seja um tipo de operação eminentemente ofensiva, ela poderá ser utilizada, para cumprir uma fase de uma atitude ofensiva ou defensiva. A tropa que está realizando, normalmente, em final de missão, conquista um objetivo no terreno, visando facilitar o desenvolvimento das futuras operações. Os planejamentos e a regulação deste tipo de operação são feitos até os objetivos finais.

Mesmo nas missões de natureza defensiva, não será excluída a possibilidade de serem necessárias ações ofensivas para atingir a região que querem defender.

2.2.5.2 INIMIGO

A possibilidade de interferência do inimigo é sempre considerada. A graduação dessa interferência variará de acordo com sua natureza e valor, no tempo e no espaço, condicionando de forma diferente a realização da operação.

2.2.6 CONDUITA DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE

O Regimento consegue participar de uma Marcha para o Combate realizada pelo Escalão Superior ou conduzindo a sua própria Marcha para o Combate.

Quando está conduzindo sua própria Marcha para o Combate, o regimento se articula em grosso e forças de segurança.

Sempre que for possível, o grosso se desloca ininterruptamente, mas em caso de uma forte resistência inimiga, seu deslocamento será de Região de Destino em Região de Destino. Nessa situação, o Comandante emprega elementos do grosso, à medida que se torne necessário, para manter a impulsão. Todos os esforços são feitos para manter o inimigo desarticulado e impedir que pequenos elementos possam estabelecer uma defesa ou retardamento eficiente.

Quando participa de uma Marcha para o Combate do Escalão Superior, a Unidade pode integrar o grosso ou, mais comumente, será empregada em uma missão típica, como Força de Segurança. Sendo que nesse caso, o regimento deve esclarecer de imediato as situações surgidas em sua zona de responsabilidade. Dentro das possibilidades, o regimento destrói as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e detêm as que não puder destruir, até que o Escalão Superior determine a ação, o apoio ou o reforço de elementos do grosso para liberar o Eixo.

2.3 PLANEJAMENTO BASEADO EM CAPACIDADES (PBC)

O Planejamento Baseado em Capacidades é uma forma exclusiva das Forças Armadas em que todos podem projetar quais serão as necessidades futuras da força, motivo pelo qual se deteve de forma mais detalhada. Embora termos muito parecidos sejam empregados em setores civis como administração, negócios, tecnologia da informação, entre outros, as similaridades somente aparecem no uso dos termos.

Nesse mister, recorreu aos documentos conceituais das Forças Armadas para poder estudar a importância do Planejamento Baseado em Capacidades para a presente pesquisa.

O tema “capacidades” e a orientação dada pela Estratégia Nacional de Defesa - END estão intimamente relacionados às questões de planejamento estratégico e de desenvolvimento de força. Analisando o relacionamento entre os dois, se configura o

objetivo do último com a estruturação de uma Força Armada (FA) futura, para que tenha a dimensão e a composição adequadas, de modo a garantir a consecução das metas de segurança do país, em atendimento aos preceitos constitucionais (EMCFA, 2020).

O termo capacidade é definido como a habilidade que possui uma força para cumprir determinada tarefa ou missão. A capacidade se traduz em competências militares existentes que permitem o cumprimento de missões e o alcance de objetivos estabelecidos (EME, 2013).

A capacidade militar terrestre é formada por um grupo funcional de capacidades operativas que viabilizam aptidão a uma força para cumprir determinada tarefa dentro de uma missão estabelecida. Poderá ter sua definição baseada em uma série de atividades e tarefas relativamente ligadas, que podem ser desempenhadas por uma função de combate específica (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, 2013).

Essas capacidades, sejam de âmbito estratégico, operacional ou técnico, obtida a partir de um conjunto de fatores determinantes, interrelacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura – DOAMEPI (EXÉRCITO, 2016). Recentemente, o Ministério da Defesa, MD, incluiu o fator “interoperabilidade” como determinante à obtenção de uma capacidade (FAYAL, 2019).

Os Objetivos Estratégicos do Exército definirão os efeitos a serem atingidos, os quais indicarão as capacidades necessárias que precisão ser obtidas, segundo fatores geradores de capacidades, conhecidos pelo acrônimo DOPEMAIL (Doutrina, Organização, Pessoal, Ensino, Material, Adestramento, Infraestrutura e Interoperabilidade). Em síntese, é necessário alcançar para, depois, especificar o que se precisa (EMCFA, 2020).

A Doutrina é o modo de orientar as ações para o emprego. Deve verificar se há condicionantes doutrinários ou de procedimentos que digam respeito ao problema, se uma nova doutrina ou novos procedimentos precisam ser desenvolvidos e implementados, com o intuito de proporcionar uma solução completa ou parcial para o tema. Importante focar nas lições aprendidas buscando a validação, análise, avaliação e integração dos procedimentos na doutrina conjunta (EMCFA, 2020).

A Organização é como o Poder Militar está organizado para enfrentar os desafios. As características a serem verificadas com relação à organização das tarefas e do modo como forças operacionais, equipes de apoio e os sistemas de

suporte logístico devem ser organizadas para melhorar as capacidades no escalão apropriado, com o intuito de atender aos objetivos e requisitos da missão (EMCFA, 2020).

O fator de Pessoal pode ser compreendido como as tarefas relacionadas à gestão de pessoal qualificado. Deve avaliar se a lacuna de capacidade pode ter causa na disponibilidade de pessoal qualificado (EMCFA, 2020).

Considerando que a solução do problema pode envolver a compra de novos equipamentos, a alocação de novos especialistas pode ser requerida, para operar, apoiar e manter o sistema a ser implantado.

Os requisitos de pessoal são dirigidos pela carga de trabalho imposta e devem ser estabelecidos nos níveis mínimos para atingir objetivos de missão e desempenho.

A Educação se traduz na gestão de competências. O problema pode ser causado, pelo menos em parte, por formação inapropriada. Se a educação ocorrer de forma eficaz, se deve analisar o processo de qualificação e conversão operacional, no sentido de identificar se as experiências ligadas às competências básicas (conhecimentos, habilidades e atitudes) estão sendo proporcionadas de forma correta. Avaliar, ainda, novos conteúdos e novos métodos de aprendizagem.

O fator de Material diz respeito aos sistemas, plataformas e equipamentos. Do ponto de vista material, verificar se o problema é causado, em parte, por sistemas ou equipamentos inadequados.

O Adestramento é a verificação da adequação do nível de adestramento atual. O adestramento é um elo crítico na entrega das capacidades. Deve ser criticado o treinamento ou capacitação que está na atualidade com vistas ao atendimento de uma necessidade e de forma a obter o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis.

O estudo desse fator identifica se o fator gerador do problema pode decorrer, em parte, da falta de treinamento. Procura, ainda, a verificar se há foco do adestramento com vistas à solução do problema e, caso seja confirmado, se está ocorrendo de forma eficaz.

Paralelamente, há que se verificar como os resultados dos adestramentos estão sendo mensurados e monitorados para que se identifiquem possíveis panes relacionadas ao diagnóstico do desempenho.

Considerando a compra de novos equipamentos, novos programas de formação podem ser requeridos, devido às novas tecnologias. Neste caso, se deve procurar

confirmar rapidamente os conceitos operacionais desenvolvidos no campo e os disseminar em toda a Força.

A Infraestrutura envolve todos os fatores relacionados aos meios e serviços de apoio.

Consiste em todos os elementos estruturais, como instalações, equipamentos e serviços necessários e que dão suporte à utilização e preparo dos elementos do emprego, conforme especificidades de cada um e o atendimento a requisitos do exercício funcional.

Por fim, a Interoperabilidade que consiste na adequação de compatibilidade, intercambialidade e comunalidade.

Consiste em adequar os sistemas, unidades ou forças para poderem permutar serviços ou informações ou os aceitar de outros sistemas, unidades ou forças e, também, em empregar esses serviços ou informações, sem o comprometimento de suas funcionalidades.

É fato que os Estados possuem limitação em seus recursos públicos e precisam, cada vez mais, aplicar os princípios fundamentais da Administração Pública, fortalecidos nos últimos anos no Brasil pela adoção de mecanismos de governança. O PBC, nos países em que foi implantando, agregou transparência, eficiência e efetividade nas ações do Estado conforme literatura existente, proporcionando desenvolvimento de forças frente aos múltiplos desafios existentes em um mundo em constante mutação (EMCFA, 2020).

Dessa forma, o PBC proporcionará Soluções de Força, as quais comporão a fase de Equilíbrio de Investimento e a proposição de um Plano de Obtenção de Capacidades (POC) (EMCFA, 2020).

3 METODOLOGIA

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

O presente estudo analisou em que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influenciou o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate.

3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O trabalho foi constituído de uma pesquisa *aplicada*, de cunho *qualitativo*, assim entendida como o “tipo de análise tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permitem atribuir-lhe cientificidade” (ZANELLA, 2009, p.75).

Conforme Zanella (2009), para o desencadear o estudo em questão, foi desenvolvido uma pesquisa descritiva, através do método indutivo. A partir de um estudo bibliográfico e documental.

3.3 Procedimentos Para Revisão Da Literatura

Inicialmente, para direcionar a pesquisa proposta, procurou-se definir termos e conceitos, a fim de viabilizar a solução do problema de pesquisa, uma vez que o assunto se encontra presente no manual C2-20 e EB70-MC-10.354.

3.4 Procedimentos Metodológicos

O referencial teórico supracitado permitiu adquirir entendimentos essenciais para que o trabalho prosseguisse. A interpretação da revisão literária foi a fonte para a escrituração do texto do trabalho.

3.5 Instrumentos

A coleta de dados foi iniciada com a aquisição dos manuais C2-20 e EB70-MC-10.354 em sítios de internet do Exército Brasileiro.

Em prosseguimento, foi feita a análise dos dois manuais e os comparou na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate.

Foi feita uma análise em que medida a atualização do manual C2-20 para o EB70-MC-10.354 influencia o fator gerador de capacidade Educação, na função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate.

3.6 Análise Dos Dados

A pesquisa foi interpretada através da inferência da análise dos manuais C2-20 e EB70-MC-10.354 no que tange função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate. Dessa forma, a revisão de literatura foi analisada qualitativamente.

4 RESULTADOS

Após a coleta das informações bibliográficas nos manuais doutrinários, o presente estudo identificou as seguintes divergências entre os manuais C2-20 e EB70 – MC – 10.354.

4.1 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DA MARCHA PARA O COMBATE

Neste Subcapítulo, o manual EB70 – MC – 10.354 suprimiu a informação que fala que o melhor aproveitamento do dispositivo no momento em que ocorrer o contato é obtido pela apropriada organização do Regimento para o combate e pela manobra de seus componentes.

No manual C2-20, neste subcapítulo menciona que a M Cmb normalmente é feita em COLUNAS múltiplas e que os elementos subordinados utilizariam FORMAÇÕES VARIADAS, conforme a situação tática exigir. Já no manual EB70 – MC – 10.354 a mesma informação está dizendo que o M Cmb é normalmente feita em EIXOS múltiplos, utilizando a a FORMAÇÃO DE COMBATE. NÍVEL U e SU, uque a situação tática exigir.

4.2 CLASSIFICAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

No manual EB70 – MC – 10.354 retira a informação de que NORMALMENTE É EXECUTADA DURANTE O DIA a marcha para o combate descoberta.

4.3 DISPOSITIVO E FORMAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

Nesta parte ocorre a troca da palavra TROPA por RC Mec quando menciona que qualquer dispositivo da TROPA ou RC Mec que proporcione o máximo de velocidade, controle e segurança, pode ser empregado durante.

È apresentado uma alteração de quando é dito que quando o contato é remoto, o movimento é realizado em coluna de marcha, sendo que no C2 -20 diz que o dispositivo em que as U não necessitem ser agrupadas taticamente, já no manual EB70 – MC – 10.354 diz que o dispositivo em que as SU não necessitem ser agrupadas taticamente.

No EB70 – MC – 10.354 inseri a informação de que quando o contato com o inimigo é remoto, o Cmt do RC Mec desloca o regimento em coluna de marcha, prevalecendo medidas administrativas e o conforto da tropa.

No C2-20 havia a informação de que a proteção proporcionada pelos elementos de primeiro escalão assegura um contato pouco provável para o restante da tropa, que pode continuar o deslocamento em coluna tática.

4.4 ARTICULAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

Neste subcapítulo, o manual EB70 – MC – 10.354 inclui a informação de que a distância da F Seg para o grosso da tropa depende do alcance dos meios de apoio de fogo indireto, das características do terreno, da força inimiga esperada e do tempo necessário que o grosso da tropa conseguiu responder a uma possível ameaça.

Neste item o manual EB70 – MC – 10. 354 já traz a conceituação do que é uma vanguarda, flancoguarda e retaguarda de um RC Mec em uma M Cmb, o que antes era dedicado um sucapítulo especialmente para realizar esta conceituação.

No manual C2 – 20 é retirada a informação de que durante a execução da marcha para o combate, enquanto os elementos desdobrados em primeiro escalão efetuam a devida proteção do grosso da tropa, este se desloca de região de destino em região de destino.

4.5 PARTICULARIDADES DO ESTUDO DE SITUAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE

A diferença neste subcapítulo acontece pois o no manual C 2 – 20 as particularidades são MISSÃO, INIMIGO E DETERMINAÇÃO DA LPE, já no manual EB70 – MC – 10.354, as particularidades são MISSÃO e INIMIGO.

A Determinação da LPE é inclusa em um novo subcapítulo onde ele conceitua as medidas de coordenação e controle que possui uma marcha para o combate.

4.6 DECISÃO

Este subcapítulo é retirado do manual C 2 – 20 e não é incluído no novo manual. O novo manual apenas apresenta a onceituação das medidas de coordenação e controle necessários para a realização de uma marcha para o combate.

4.7 CONDUTA DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO NA MARCHA PARA O COMBATE

Neste subcapítulo a parte em que diz que o Cmt emprega elementos do grosso da tropa, à medida em que se torne necessário, para manter a impulsão e que todos os esforços são feitos para manter o inimigo desarticulado e impedir que pequenos elementos possam estabelecer uma defesa ou retardamento eficiente foi retirado no manual C 2 – 20 e não foi mencionado no manual novo.

4.7.3 FORÇAS DE SEGURANÇA

4.1.7.3.1 VANGUARDA

Este subcapítulo somente aparece no manual antigo, no manual novo somente é feita uma conceituação sobre as forças de segurança no subcapítulo de Articulação. Neste subcapítulo do manual antigo é dada informações e conceitos mais bem definidos e melhor explicados do que o que é dito no novo manual.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a mudança do manual C 2 -20 para o manual EB70 – MC – 10.354 e com isso o que estas mudanças influenciaram no fator gerador de capacidade Educação na função de combate movimento e manobra das operações ofensivas do tipo marcha para o combate.

As mudanças que ocorrem são a de mudanças de palavras para um sinônimo, retirada de determinadas informações que não comprometem a execução de uma instrução tanto teórica quanto prática.

Algumas subseções como a parte que não menciona mais que na classificação de uma M Cmb no tipo descoberta que ela é normalmente realizada durante o dia fica um tanto quanto vaga quando deve ser realizada.

Uma das partes mais determinantes que alterou foi a inclusão de determinador conceitos a respeito de Medidas de Coordenação e Controle que devem ocorrer em uma Marcha para o Combate. Com isso já deixando bem explícito o que é cada medida e assim não sendo necessário procurar em outro manual para saber o conceito.

Uma parte que foi retirada e que pode ocorrer em algumas dúvidas é a retirada do subcapítulo DECISÃO onde diz o que o Cmt de um Rgt decide na Marcha para o Combate e outras que poderão ser completadas.

E o que mais saltos aos olhos foi a diferenciação foi no subcapítulo do DISPOSITIVO quando é alterado o nível que é mencionado, como de Unidade para Subunidade e assim deixando em dúvida qual realmente é o nível que é utilizado.

6 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar as características, possibilidades, limitações, conceitos e condutas de um Regimento de Cavalaria Mecanizado da função de combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate. No que tange o fator gerador de capacidade Educação na atualização do manual C 2 – 20 para o EB70 – MC – 10.354.

Inicialmente, foi realizado o estudo do Tipo Marcha para o Combate no manual C 2 – 20 e em outro momento foi realizado o estudo do Tipo Marcha para o Combate no manual EB70 – MC – 10.354.

Em seguida, foi realizado um estudo referente ao Planejamento Baseado em Capacidade. E neste estudo foram abordados todos os fatores determinantes, interrelacionados e indissociáveis do PBC, exemplificado por DOAMEPI.

Após a análise foi constatado que não foram encontradas mudanças atinentes a uma mudança drástica da função de Combate Movimento e Manobra das Operações Ofensivas do Tipo Marcha para o Combate. Sendo um assunto de extrema importância seria levantar a respeito da discondância encontrada no Dispositivo e Formação da Marcha para o Combate pois no manual C 2 – 20 menciona que quando o contato é remoto, o movimento é realizado em coluna de marchasendo que o dispositivo agrupado taticamente são as Unidades e no manual EB70 – MC – 10.354 diz que o dispositivo agrupado taticamente seria em Subunidades.

As outras diferenças encontradas foram mudanças de palavras para deixar mais especificado qual a fração que realiza ou foi tirado um conceito de um determinado subcapítulo e colocado em outro subcapítulo. Sendo este último a alteração que foi inserida no novo manual de suma importância, haja vista que foi feito um subcapítulo com as medidas de coordenação e controle que são realizadas em uma Marcha para o combate e à conceituando, deixando explícito o conceito que o COTer quer que saibamos, pois não precisará buscar o conceito em outro lugar.

No que tange ao Educação, os conceitos que haviam no manual C 2 – 20 foram passados para o manual EB70 – MC – 10.354, sendo a única ressalva o que foi mencionado acima neste capítulo a respeito do dispositivo agrupado na marcha para o combate sendo o correto as Unidades ou as Subunidades.

Conseqüentemente ao mencionado no paragrafo acima, a parte de instruções a serem realizadas não precisará ser alterada pois não houve uma mudança entre os

manuais referente este tipo. Ressaltando ainda que teria que ser realizado um estudo ou que seja dito o qual seria o dispositivo correto a ser agrupado em uma Matrcha para o Combate.

Por fim, como sugestão, como mencionado acima no paragrafo anterior, poderia ser feito um estudo ou que seja dito qual seria o dispositivo correto a ser agrupado em uma Marcha para o Combate de um Regimento de Cavalaria Mecanizado.

REFERÊNCIAS

EB 10-P-01.007 - Plano Estratégico do Exército 2020-2023. Brasília, DF, 2019.

KRYPTA, R.M.L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D.L. **Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização.** Bogotá, Colômbia: Revista de Investigaciones – UNAD, V.14, número 2, Jul-Dez 2015. Disponível em: <https://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/revista-de-investigacionesunad/article/download/1455/1771/> . Acesso em 18 de maio de 2022.

Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior. **C 2-20 Regimento de Cavalaria Mecanizado.** 2. ed. Brasília, DF, 2002.

Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior. **EB70-MC-10.354 Regimento de Cavalaria Mecanizado.** 3. ed. Brasília, DF, 2020.

Ministério da Defesa, Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas – EMCFA. **Guia do Planejamento Baseado em Capacidades.** Brasília: Ministério da Defesa, 2020.

Ministério da Defesa, Exército Brasileiro, Estado-Maior do Exército – EME. **Catálogo de capacidades do Exército 2014-2035.** Brasília: Estado-Maior do Exército, 2013.

Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.222 - A Cavalaria nas Operações,** 1. ed. Brasília, DF, 2018.

Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **EB70-MC-10.202 – Operações Ofensivas e Defensivas,** 1. ed. Brasília, DF, 2017.

NEVES, Eduardo; e DOMINGUES, Clayton. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica.** Rio de Janeiro: EsAO/CEP, 2007.

SILVEIRA, D.T.; CÓRDOVA, F.P. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2009.